



Do perigo de confiar um segredo a uma cabra

Passaram-se várias semanas.

Era início de março. O sol, que Dubartas, esse clássico ancestral da perífrase, ainda não tinha denominado o **grão-duque dos círios**, não estava menos alegre e radiante por isso. Era um daqueles dias de primavera que têm tanta doçura e beleza que toda Paris, espalhada pelas praças e pelos passeios, celebra-os como se fosse domingo. Nesses dias de sol, calor e serenidade, há certa hora precisa em que se deve admirar o pórtico da Notre Dame. É o momento em que o sol, já inclinado para o poente, olha quase de frente para a catedral. Seus raios, cada vez mais horizontais, lentamente retiram-se do chão da praça e sobem pela fachada vertiginosa, cujos mil relevos esculpidos eles realçam com sua sombra, enquanto a grande rosácea central flameja como um olho de ciclope inflamado pelas reverberações da forja.

Era nesse exato momento que a cena acontecia.

Em frente à alta catedral avermelhada pelo pôr do sol, no balcão de pedra acima do alpendre de uma rica residência gótica que ficava na esquina da praça com a Rua du Parvis, algumas bonitas jovens riam e conversavam com toda graça e espontaneidade. Pelo comprimento do véu, que descia do alto de seus penteados pontudos envoltos em pérolas até seus calcanhares, pela delicadeza do bordado que cobria seus ombros, permitindo entrever, segundo a moda em vigor na época, seus belos colos de virgens, pela opulência de seus saiotes, ainda mais preciosos do que suas próprias saias, especialmente (maravilhoso efeito!) as de gaze, seda e veludo, principais materiais usados na confecção dessa vestimenta, e sobretudo pela brancura de suas mãos, que atestava sua ociosidade e preguiça, era fácil identificar nobres e ricas herdeiras. Eram, de fato, a senhorita Fleur-de-Lys de Gondelaurier e suas companheiras Diane de Christeuil, Amelotte de Montmichel, Colombe de Gaillefontaine e a pequena Champchevrier, todas jovens de boa família, reunidas naquele momento na casa da viúva de Gondelaurier por causa do monsenhor de Beaujeu e da senhora sua esposa, que viriam a Paris em abril para escolher acompanhantes de honra para a senhora delfina Marguerite quando fossem buscá-la na Picardia, onde a receberiam das mãos dos flamengos. Ora, toda a pequena nobreza provinciana, até cento e cinquenta quilômetros distante de Paris, disputava esse posto para suas filhas, e um bom número dessas famílias já havia levado ou mandado levar as suas à capital. As jovens aqui citadas tinham sido confiadas por seus pais à discreta e venerável guarda da senhora Aloïse de Gondelaurier, viúva de um antigo chefe dos besteiros do rei que vivia, com sua filha, em sua casa na Praça da Notre Dame, em Paris.

A varanda onde essas jovens ficavam abria-se para uma sala ricamente estofada em couro de Flandres de cor ocre e enfeites em folhagem de ouro. Os barrotes que listravam paralelamente o teto distraíam o olhar com mil bizarras esculturas pintadas e douradas. Sobre baús esculpidos, esplêndidos

esmaltes brilhavam aqui e ali; uma cabeça de javali em faiança coroava um magnífico aparador cujas duas prateleiras anunciavam que a dona da casa era esposa ou viúva de um cavaleiro-chefe. Ao fundo, do lado de uma grande chaminé de armoriada e abrasonada de cima a baixo, estava sentada, em uma rica poltrona de veludo vermelho, a senhora Gondelaurier, cujos cinquenta e cinco anos transpareciam em suas vestes tanto quanto em seu rosto.

Ao lado dela estava um jovem de aparência muito altiva, embora um pouco vaidoso e bravatão, um desses belos rapazes que todas as mulheres concordam em elogiar, embora os homens sérios e pouco fisionomistas o ignorem por completo. Esse jovem cavaleiro vestia o brilhante traje de capitão dos arqueiros da ordenança do rei, que é muito semelhante ao traje de Júpiter, que já pudemos admirar no primeiro livro desta história, então não cansaremos o leitor com uma segunda descrição.

As senhoritas estavam sentadas, parte na sala, parte na varanda, algumas sobre almofadas de veludo de Utrecht com bordas douradas, outras em escabelos de madeira de carvalho esculpido com flores e outras figuras. Cada uma tinha sobre os joelhos uma ponta de uma grande tapeçaria que elas bordavam juntas, e um bom pedaço do trabalho se estendia sobre o tapete que cobria o assoalho.

Elas conversavam entre si aos sussurros, dando risadinhas abafadas típicas de um conciliábulo de jovens moças quando há um rapaz por perto. O jovem, cuja presença era suficiente para pôr em jogo todo o amor-próprio feminino, parecia, pessoalmente, pouco se importar com tudo isso. E, enquanto as mais belas esforçavam-se para chamar sua atenção, ele parecia especialmente ocupado em polir com sua luva de camurça a fivela de seu cinturão.

De tempos em tempos, a velha senhora dirigia-lhe a palavra em voz baixa, e ele respondia da melhor forma, com uma espécie de polidez desajeitada

e constrangida. Pelos sorrisos, pelos pequenos sinais de cumplicidade da senhora Aloïse, pelas piscadelas que ela dirigia a sua filha, Fleur-de-Lys, falando baixinho com o capitão, era fácil perceber que se tratava de um noivado consumado, de um casamento à vista, certamente entre o jovem rapaz e Fleur-de-Lys. E, pela frieza constrangedora do oficial, era fácil perceber que, ao menos de sua parte, não se tratava de um casamento por amor. Toda a sua expressão revelava um tédio e um aborrecimento que os subtenentes de pelotão traduziriam hoje como: “Que castigo horrível!”

A boa senhora, bastante concentrada em sua filha, como uma pobre mãe que era, não notou o pouco entusiasmo do oficial e se esforçou para enumerar as infinitas perfeições com que Fleur-de-Lys picava a agulha ou desfiava o novelo.

– Veja, querido primo – ela dizia, puxando-o pela camisa para lhe falar ao ouvido. – Observe-a! Repare como se abaixa.

– Com certeza – respondia o jovem, logo retornando ao seu silêncio distraído e glacial.

Pouco depois, era preciso inclinar-se novamente, e a senhora Aloïse lhe dizia:

– Por acaso o senhor já viu uma figura mais agradável e mais alegre que sua prometida? Existe alguém mais alva e loira? E essas mãos, não são perfeitas? O pescoço não tem as formas graciosas de um cisne? Ah, chego a invejá-lo! E o senhor tem sorte de ser homem, libertino que é! Minha Fleur-de-Lys não é adorável? O senhor não está apaixonado por ela?

– Sem dúvida – respondia ele, pensando em outra coisa.

– Fale com ela, então – disse bruscamente a senhora Aloïse, empurrando-o pelo ombro. – Diga alguma coisa. O senhor está muito tímido.

Podemos afirmar aos nossos leitores que a timidez não era nem a virtude nem o defeito do capitão. No entanto, ele tentou fazer o que lhe pediram.

– Cara prima – ele disse, aproximando-se de Fleur-de-Lys –, qual é o tema dessa tapeçaria que estão bordando?

– Caro primo – respondeu Fleur-de-Lys com um tom de ressentimento –, eu já lhe disse três vezes. É a gruta de Netuno.

Era evidente que Fleur-de-Lys percebia mais claramente que sua mãe a frieza e a distração do capitão. Ele sentiu que era necessário prosseguir a conversa.

– E para quem é todo esse netunismo? – ele perguntou.

– Para a Abadia de Saint-Antoine des Champs – respondeu Fleur-de-Lys sem levantar os olhos.

O capitão segurou em uma ponta da tapeçaria:

– Quem é, cara prima, este robusto gendarme que toca uma trombeta a todo fôlego?

– É Tritão – ela respondeu.

Sempre havia uma entoação um pouco amuada nas breves palavras de Fleur-de-Lys. O jovem entendeu que era indispensável dizer-lhe algo ao pé do ouvido, uma frivolidade, um galanteio, qualquer coisa. Ele então inclinou-se, mas não encontrou nada em sua imaginação mais terno e íntimo do que isto:

– Por que sua mãe usa sempre uma vasquinha armoriada como nossas avós do tempo de Carlos VII? Diga-lhe, bela prima, que isso já não é elegante hoje em dia e que as armas bordadas como brasão em seu vestido a fazem parecer um casaco de chaminé ambulante. Já não nos gabamos de nossos pendões dessa forma, posso assegurar-lhe.

Fleur-de-Lys ergueu seus lindos olhos sobre ele, cobertos de reprovação:

– Isso é tudo o que tem para me segredar? – ela disse em voz baixa.

Enquanto isso, a boa senhora Aloïse, encantada, vendo-os inclinados e sussurrando, dizia enquanto brincava com os fechos de seu livro de horas:

– Que bela cena amorosa!

O capitão, cada vez mais envergonhado, voltou a falar da tapeçaria:

– É realmente um trabalho adorável! – exclamou.

Aproveitando o ensejo, Colombe de Gaillefontaine, outra bela loira de pele branca, bem decotada em damasco azul, aventurou-se timidamente a dirigir uma palavra a Fleur-de-Lys, na esperança de que o belo capitão respondesse:

– Minha cara Gondelaurier, você viu as tapeçarias do Palácio de La Roche-Guyon?

– Não é o palácio onde está o jardim da Lingère do Louvre? – perguntou, sorrindo, Diane de Christeuil, que tinha belos dentes e, portanto, ria de tudo.

– E onde existe uma grande e velha torre da antiga Muralha de Paris – acrescentou Amelotte de Montmichel, uma morena bonita, encaracolada e fresca que costumava suspirar como a outra ria, sem razão aparente.

– Minha querida Colombe – respondeu a senhora Aloïse –, acaso não se refere ao palácio que pertencia ao senhor Bacqueville, sob o reinado de Carlos VI? Há realmente tapeçarias suntuosas.

– Carlos VI! O rei Carlos VI! – balbuciou o jovem capitão, enrolando o bigode. – Meu Deus! Como a boa senhora se lembra de coisas velhas!

A senhora Gondelaurier continuou:

– Belas tapeçarias, de fato. Um trabalho tão estimável que passa por singular!

Nesse momento, Béragère de Champchevrier, uma esbelta garotinha de sete anos que olhava para a praça através dos trevos do balcão, gritou:

– Oh! Veja, bela madrinha Fleur-de-Lys, a linda dançarina dançando na praça e tocando um pandeiro no meio dos rudes burgueses!

De fato, era possível escutar o som de um pandeiro.

– Deve ser alguma egípcia da Boêmia – disse Fleur-de-Lys, virando-se de forma indolente na direção da praça.

– Vamos ver! Vamos ver! – exclamaram suas animadas companheiras, e todas se precipitaram até o parapeito do balcão, enquanto Fleur-de-Lys, pensando na frieza de seu noivo, seguia-as a passos lentos. O noivo, aliviado com o incidente que interrompeu em boa hora aquela conversa

embaraçosa, voltou para o fundo do apartamento com o ar satisfeito de um soldado dispensado do serviço. Era, entretanto, um serviço agradável e gentil aquele junto da bela Fleur-de-Lys, e assim lhe parecia ser no passado. Mas o capitão tinha desvanecido gradualmente, e a perspectiva de um casamento próximo o desanimava dia após dia. A propósito, ele tinha o humor instável e – é preciso dizer? – um gosto um tanto vulgar. Embora de origem muito nobre, ele tinha contraído nas casernas o mau hábito dos baixos soldados. Gostava da taberna e de tudo o que ela tinha a oferecer. Só se sentia à vontade entre palavrões, galanterias militares, belezas frívolas e sucessos fáceis. No entanto, ele havia recebido de sua família alguma educação e algumas boas maneiras, mas tinha saído de casa muito cedo para percorrer o país, alistando-se ainda muito jovem, e todos os dias o verniz de sua fidalguia desbotava com a fricção do boldriê de gendarme. Ao visitar Fleur-de-Lys de vez em quando, pelo pouco de respeito humano que ainda lhe restava, sentia-se duplamente envergonhado. Primeiro porque, de tanto depositar seu amor em todos os tipos de lugares, ele reservava muito pouco para ela. Segundo porque, no meio de tantas belas mulheres rígidas, ajustadas e decentes, ele temia que sua boca, acostumada a dizer palavrões, de repente perdesse o controle e deixasse escapar o linguajar das tabernas. Pode-se imaginar o belo efeito que isso causaria!

Além disso, todo esse contexto misturava-se com grandes pretensões de elegância, limpeza e bela aparência. Que se imagine esse quadro como for possível. Sou apenas um contador de história.

Então ele ficou estático por algum tempo, pensando, ou não, apoiado em silêncio no lambril esculpido da lareira, quando Fleur-de-Lys voltou-se de repente e dirigiu-se a ele. Afinal de contas, a pobre moça só o evitava por despeito.

– Caro primo, você por acaso não falou de uma cigana que resgatou, há dois meses, durante a ronda noturna, das mãos de uma dúzia de ladrões?